

## **AO LETHES**

Depois do corpo, o barro, a forma e lá dentro a criação  
Um lugar possuído de maravilhas  
Onde o poema cresce  
Onde há terra e água  
E enigma por enigma a lenda  
E o lado mais exterior  
Consubiandado ao tempo  
O vale metafísico a engrinaldar-se de séculos  
A memória da humanidade – nossa história  
Meu culto onde te canto – com tantos poetas  
Sem saber de que lado nos vem a voz – fulminante língua  
E precursor lugar esta avenida  
Onde recolho tudo o que é extinto  
Saliva do Lethes tão profana e bela  
Arco da ponte e sílaba andarilha  
Feira primitiva a debater-se na garganta  
E no calendário arte e literatura  
Nas varandas líricas e campos onde desembaraço toda a casa  
Com nervos e cor e veias operárias  
E escrevo-te a ti ó vila  
Com cornetas a soarem no chafariz  
Com o sossego da estação e da paisagem  
Onde me explodem palavras  
Como vulcões – habita-me mais do que pensei  
Terra humanamente rica com fatos e saias de tafetá  
Há o antes o agora e o depois  
E os meus dedos subjugados à prosa ao ar à água ao fogo  
Ao poema – aos poetas da saudade cotidiana  
Expulsando-nos na rua mais vazia

**Maria Andersen**